

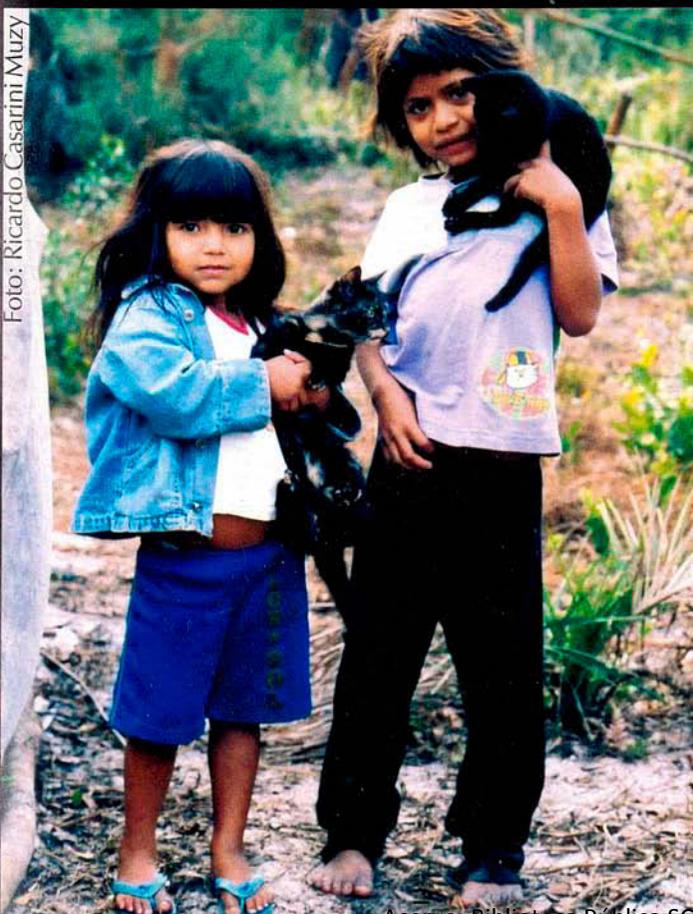
Pobres & Nojentas



Florianópolis (SC), julho de 2006 - Ano 1 - Nº 02

Vivências de guerreiros em busca da terra boa

Foto: Ricardo Casarini Muzy



Na Tekové Mareã, a gente Guarani em sintonia com o todo

Uma educadora que veio do povo

Bruna constrói um futuro melhor para crianças de Brusque



Foto: Marcela Cornelli

3	Editorial
4	Carreteiro a rigor
5	Povo Originário "Que jamais se acabe"
8	Perfil A força de uma mulher
11	Minicrônica O galinho das onze
12	Crônica A nave dos inocentes
13	Natureza Zé Klueber e a semente
15	Saúde Menos estudadas, mais incompreendidas
16	Rumo ao deserto Com Samuel, pelos Andes...
19	Poema Sobre a covardia
20	Saia Justa Piores momentos de <i>Pobres & Nojentas</i>
21	Rebelde Vai ser como queria Micaela
23	Humanidade Cuidadora de bichos e outros seres
26	Tempo Livre Para quem tem pouca grana



Companhia dos Loucos

Cooperativa da palavra
libertária, criadora, caminheira.
Não quer lucro, nem fama.
Sonha derrubar muros que
separam e escondem aqueles
que têm a sua palavra calada,
mutilada, censurada, castrada,
quebrada, torturada, em nome
do lucro, do mercado, da
competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Eduardo Mustafa Vianna
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosângela Bion de Assis

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico e Editoração

Rosângela Bion de Assis (MTB/SC
00390-SC)

Revisão

Raquel Moysés

Agradecimentos:

- A *Frank Maia*, que cedeu a ilustração publicada na página 26;
- A *Antônio Carlos da Silva*, que fez as ilustrações da capa e da contracapa;
- A *Anderson Gonçalves*, que fez as artes publicadas nas páginas 11 e 12.

Florianópolis - SC

Foi uma surpresa. De repente, de lugares não imaginados foram surgindo mulheres e pedidos. O que era intuído ficou explícito. As “pobres e nojentas” vivem em todos os rincões deste Brasil, conquistando seus espaços, fazendo arte, provocando rebeliões, existindo, inventando, criando. E o que era para ser só uma revista paroquial criou asas, desapareceu, rompeu céus e barreiras, alcançando, inclusive, o coração dos homens.

Agora, aqui estamos no desafio da revista número dois. Nela, incluímos ainda outros seres, tão especiais

quanto homens ou mulheres: os bichos. Porque a vida que vive é o que temos de reverenciar, sempre na busca da Eko Porã, vida boa e bonita para todos. Para todos mesmo. Porque sonhamos com o dia em que os oprimidos libertarão os opressores, por obra e graça da luta renhida. Porque aos empobrecidos ninguém dá nada. Tudo é conquistado, inclusive a nova sociedade que construiremos.

Esta edição que agora entregamos às gentes de todo o Brasil fala de mulheres do ontem e do hoje, fala dos povos originários que insistem em resistir, de ho-

mens que lutam, do povo sem terra, mas com esperança, dos animais que compartilham a vida conosco, em comunhão. A P&N se espalha, divide poemas, acolhe as palavras de outros e outras “compas” que se apressaram em enviar seus textos, doidos por se expressar. E assim seguimos, criando espaços para a palavra não dita que, agora, aqui, grita. Nestas páginas, vão os malditos. Que por força da ousadia se bem-dizem! E assim caminham para o grande meio-dia...

Elaine Tavares

Míriam Santini de Abreu
Editoras

www.geocities.com/pobresenojentas

Pobres & Nojentas digital

Por Elaine Tavares

Já está no ar a página digital da nova publicação catarinense *Pobres & Nojentas*, lançada no final do mês de abril. A revista, que teve em seu primeiro número uma tiragem de apenas 500 exemplares e foi financiada totalmente pela equipe da *Companhia dos Loucos*, veio para mostrar aquelas que nunca visitaram a ilha de Caras, mas que, com seu trabalho e sua luta, constroem o mundo real.

A proposta dos jornalistas envolvidos no projeto é justamente mostrar, numa perspectiva de gênero e classe, que os empobrecidos também criam, sonham, realizam e propõem. Na vida que viceja nas estradas secundárias, longe dos gabinetes e do ar-condicionado, as gentes do Brasil têm agora um espaço para contar suas histórias e para refletir os motivos de seu empobrecimento. A desigualdade, que

torna o Brasil uma espécie de campeão mundial nesse quesito, não acontece por acaso nem brota misteriosamente do chão. Ela é fruto de um modelo de reprodução da vida em que para um viver outro precisa morrer. Esses dramas e dilemas são os que estão retratados nas páginas da revista. Histórias de mulheres e homens, espécimes do gênero humano, que são o foco do trabalho.

A página digital, desenvol-

vida por Eduardo Mustafa Vianna, está à disposição daqueles que quiserem se aventurar a mergulhar na vida mesma, real, profunda, dos pobres e nojentos. Ou seja, daqueles que, apesar da sua condição de classe, não se dobram, não se rendem, e caminham, seguros, na direção do grande meio-dia.

A *Pobres & Nojentas* digital pode ser vista no endereço: www.geocities.com/pobresenojentas



Acabo de ler no *Comunique-se* a notícia do lançamento da revista *Pobres & Nojentas*. A gente também acredita na possibilidade de um mundo que não se dobra à religião do consumismo, mas luta por valores novos, por transformação social, pela possibilidade de pensar e deixar pensar. Muito sucesso com o projeto!

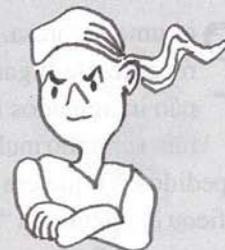
Suzel Tunes
São Paulo

As revistas chegaram!
É linda, nem um pouco pobre, mas parece bem nojentinha mesmo! PARABÉNS!!!!
Vai ser minha leitura e de minha filha, no fim de semana! E vou repartir com as amigas, as blogueiras, etc, para divulgar bem! Então vamos em frente!

Ana Maria
Macapá/Amapá

Prezada Raquel:
A loucura que vocês estão propondo é a mesma que Erasmo de Roterdam elogiou, meio milênio atrás. Loucura egrégia, vital, oxigenadora de mentes. Que a revista tenha sucesso e vida longa. Loucamente.

Um abraço,
Lúcio Flávio Pinto -
jornalista e sociólogo,
editor do *Jornal Pessoal*



Cara Elaine,

Recebi a revista e gostei muito da proposta. Você e seus companheiros são, realmente, guerreiros da palavra. Se numa região rica como a sua existem Jussaras, Darcys, Olívias e Idas, imagine na minha, nesse Nordeste de tantas injustiças...

Parabéns pela iniciativa! Vou divulgar ao máximo o trabalho.

Lourdinha Dantas
João Pessoa/Paraíba

Foto: Ricardo Casarini Muzy



Janice: no clima da revista

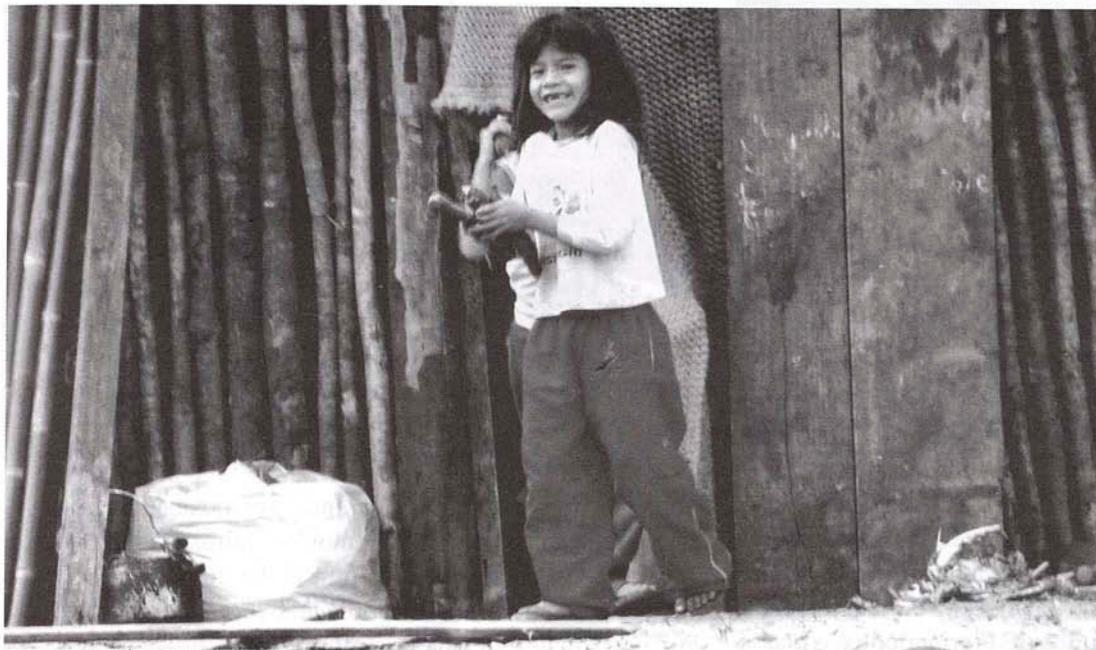
Carreteiro a rigor

Cerca de 140 revistas vendidas foi o resultado do lançamento da primeira edição da revista *Pobres & Nojentas*, no dia 27 de abril, na sede da Associação dos Servidores da UFSC.

A preparação do carreteiro e das saladas ficou por conta de José de Assis Filho. Muita gente apareceu

porque leu sobre a revista em jornais de Florianópolis e identificou-se com o perfil da nova publicação.

O destaque foi a jornalista do Sindicato dos Bancários de Florianópolis, Janice Miranda, que alugou roupas em um brechó e estava vestida no melhor estilo de "pobres e nojentas".



Fotos: Ricardo Casarini Muzy

“Que jamais se acabe”

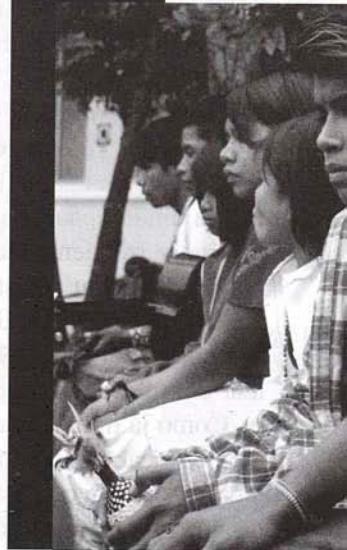
Povo guarani resiste na busca da terra sem males

Por Ricardo Casarini Muzy

A cor da pele é vermelha, os olhos são negros e puxados, os cabelos, escuros e grossos. Quem chega caminhando pela localidade de Conquista - Barra do Sul/SC, de longe já vê as primeiras crianças à beira da estrada, com roupas bem simples, artesanato colorido nas mãos. São os Guarani, da aldeia “Tekové Ma-reã”, que na língua originária significa: “que jamais se acabe”.

A comunidade é uma das tantas espalhadas por Santa Catarina e nela vivem cerca de trinta pessoas, a maioria formada por crianças e adolescentes. Estão sempre por ali, brincando, correndo de um lado para outro e conversando em Guarani, sua língua original, costume que o povo faz questão de preservar. Parecem estar sempre felizes, apesar das inúmeras dificuldades que enfrentam no dia-a-dia. A principal delas é a falta de alimentos pois muitas das famílias literalmente não têm o que comer. Sobrevivem apenas do básico: arroz e feijão. Vez

POVO ORIGINÁRIO



ou outra conseguem algum vegetal ou frutas.

O que segura a fome do povo é o “Budiapé”, um pão feito só com água e farinha. Muitos dos alimentos chegam através de doações e a outra parte é comprada com o dinheiro do artesanato, já que muito pouco se tem cultivado no lugar. Faltam boa terra, ferramentas, sementes e até força para o trabalho, geralmente por causa da fome.

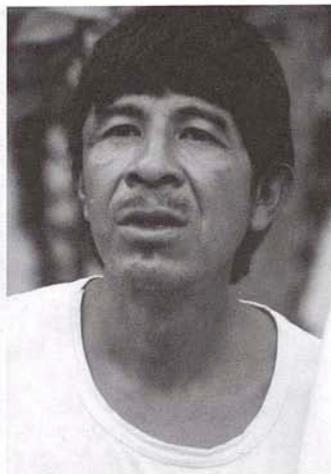
As famílias que vivem nessa aldeia vieram de outros lugares: Biguaçu, Morro dos Cavalos, Florianópolis. São nativos de Santa Catarina e a maioria é Guarani puro, ali não se vêem mestiços. A aldeia é nova, existe há mais ou menos seis anos e o povo luta pela demarcação e homologação de suas terras, briga igual a que é travada por outras comunidades autóctones do Estado.

Quem lidera o grupo de Tekové Mareã é uma mulher, a cacique Arminda, que vive numa pequena casa com filhos e netos. O vice-cacique é Werá-Mirim, Guarani genuíno, nativo da ilha de Florianópolis, e que já foi cacique em várias aldeias espalhadas pelo Estado. Não faz muito tempo que ele e a família chegaram na Tekové Mareã para firmar a nova morada. Junto à companheira Rose, aos filhos e aos netos ele se instalou numa das casinhas da aldeia e, agora associados aos outros moradores, tentam construir uma nova comunidade.

Desde criança Werá foi guerreiro, o pai era Kraí (curador ou curandeiro que conhece as ervas medicinais e tem conexão com o astral) e cacique da aldeia em que nasceu. Com ele aprendeu muitas coisas, mas, infelizmente, o perdeu muito cedo, tal qual a mãe. Aos 12 anos já vivia sozinho e, com a construção da BR-101, começou a trabalhar para os brancos, que mais tarde o levaram para estudar e trabalhar na capital.

O garoto Werá nunca se acostumou com a cidade. Sofria. Ele conta que tinha que trabalhar como escravo - e ainda apanhava - para se manter na cidade e continuar freqüentando a escola. Essa situação o levou a abandonar os estudos e voltar à aldeia para viver livre no meio dos Guarani, seus irmãos. Na cidade aprendeu a ler e escrever o português, além de trabalhar com ferramentas e trator.

Como já tinha o conhecimento ancestral das construções, acabou se tornando um grande construtor no meio do seu povo. Ele até já perdeu as contas de quantas casas construiu. Sempre lutou para conservar as



tradições típicas do povo Guarani, e sua posição crítica em relação ao comportamento dos índios e à influência dos brancos em sua cultura já lhe custou entrar em várias confusões e discordâncias com seu povo. Por isso, mudou de aldeia muitas vezes. Nunca aceitou a posição subalterna dos índios na sociedade.

Werá se diz completamente contra as instituições que trabalham com os índios porque, segundo ele, a maioria delas prestam serviços totalmente assistenciais e nada fazem para provocar a verdadeira libertação dos povos indígenas. Guerreiro que é, nunca desiste e, agora, nessa nova proposta na localidade de Conquista, sonha com uma organização Guarani que seja capaz de dar condições dignas para seu povo viver de acordo com suas crenças e tradições. As visitas à cidade já lhe proporcionaram amizade com alguns brancos que reconhecem o valor da cultura Guarani e, vira-e-mexe, ele é convidado para dar alguma palestra em fóruns de educação ambiental e universidades.

Recentemente, no mês de junho, foi o instrutor numa oficina de etno-construção Guarani, organizada na cidade de Itajaí. O “Koty Nhembóe” (ensinamento sobre casas) reuniu, num fim de semana, várias pessoas dispostas a aprender sobre a cultura desse povo originário. Mas o que deixa o velho índio feliz mesmo são as vivências na aldeia. A vida mesma, cotidiana, da Tekové Mareã.

O sol ainda nem apareceu e os galos já começam a cantar. São muitos, andando de um lado para o outro com suas penas coloridas. Circulam livremente entre os outros bichos: gatos, cães, pássaros e homens. O

clima é frio neste início de junho, uma névoa densa toma conta do lugar. Werá se põe de pé e, em silêncio, caminha para acender a fogueira da qual vai brotar o café. Rose, as crianças e a maioria dos outros índios também despertam bem cedo e, prontamente, começam a se ocupar dos afazeres. Uns buscam água, outros se banham para ir à escola, os pequenos começam a brincar.

O jogo de futebol é engraçado. É cada um por si, e não existem muitas regras. Vale empurrão, não tem saída de bola e se não dá para tocar a bola com os pés vai com as mãos mesmo. Eles estão mais preocupados com a diversão do que em competir. O jogo é sempre uma gritaria e ouvem-se muitas gargalhadas. O calendário Guarani nada tem a ver com o gregoriano, instituído na maioria do planeta. Eles seguem a natureza. Sol, lua, estrelas. Há dias em que eles trabalham, em outros não. Há época de plantio e de colheita. Eles seguem o ritmo do tempo natural, sempre interagindo com os outros animais, as plantas e todos os seres da natureza. Os Guarani vivem em sintonia com o todo.

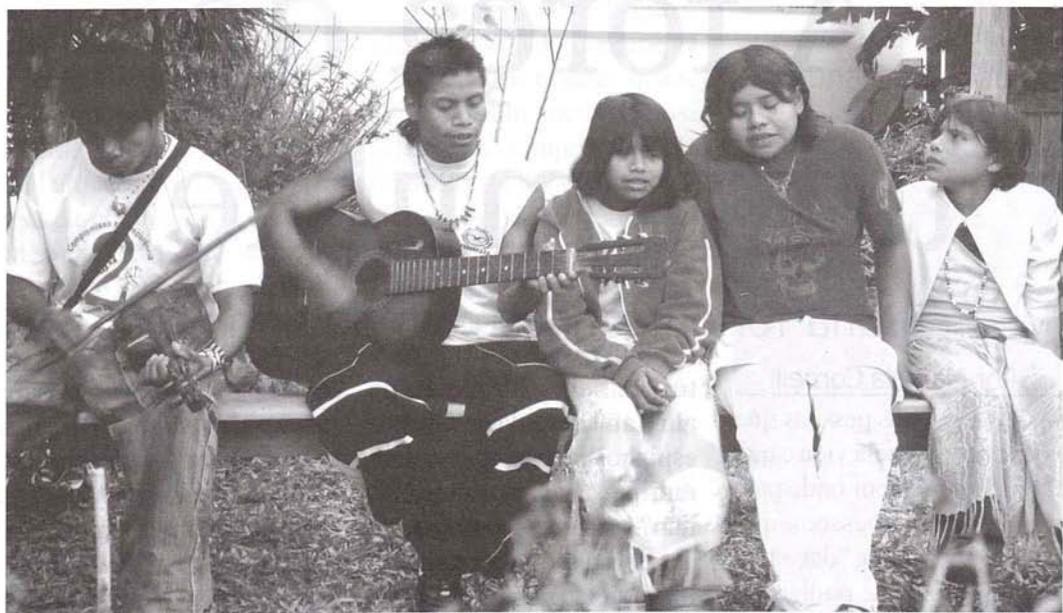
No fim da tarde Werá reúne a família para conversar e contemplar o pôr-do-sol. Ali eles realizam o ritual com “pentenguá”, que é o cachimbo Guarani, onde é queimado o tabaco, outra tradição mantida por eles. Mas emocionante mesmo é a reza que acontece à noite na “Opã”, casa de reza Guarani, uma construção simples, feita de barro, bambu e palha. Nela, todos se reúnem em volta de uma fogueira, e ali passam horas com o petenguá, cantando os seus hinos ancestrais.

Tekové Mareã também é o nome do coral Guarani formado na aldeia. Os jovens homens tocam os instrumentos - violão, rabeça e maracá - e puxam os hinos. As mulheres ficam de pé e de mãos dadas cantam os



hinos que louvam a terra, a água, os animais da floresta e principalmente a “Ñanderú”(Deus). Toda a noite a Opã fica tomada por fumaça e uma vibração forte que vem do astral. O calor do fogo aquece as almas e os corações do povo reunido em oração. As letras em Guarani evocam as suas origens, e o amor que flui entre todos é o combustível para enfrentarem todos os dias as dificuldades que sofrem, por serem índios, pobres e excluídos da vida digna deste país.

Os Guarani lá da Conquista, da Tekové Mareã, tal e qual tantos outros irmãos perdidos pelo Brasil, não querem muito. Apenas o que lhes pertence por direito: terra para viver, alimentos e dignidade, o sonho coletivo da Eko Porã - vida boa e bonita para todos.





Fotos: Marcela Cornelli

“Lá estão elas rompendo a estrada.
Deixam distantes dias risonhos.
Já desistiram dos contos de fadas.
Hoje cultivam os seus próprios sonhos.”

Augusto Cacá

A força de uma mulher

Bruna forjou sonhos com determinação

Por Marcela Cornelli

Sabe aquelas pessoas que você encontra pela vida e que iluminam tudo por onde passam? Aquelas pessoas que tinham tudo para “dar errado” na vida? Que podiam se

tornar seres humanos de alma amargurada devido aos espinhos que sempre estiveram presentes no seu caminho? Mas que - contrariando a tudo e a todos, a este sistema cruel, frio, egoísta, no

qual as portas se abrem para os que têm posses e dinheiro e se fecham, ou ficam mais distantes, para os pobres, os humildes - persistem, lutam, perseveram e vencem. Mais que isso. São plenamente fe-

lizas e amam a vida. Pois é este tipo de pessoa que este perfil retrata. Uma mulher, mãe, lutadora, pobre, sim, mas também uma nojenta, daquelas que não desistem nunca e que mostram à vida, ao destino, que o amor e a vontade de viver fazem a diferença num mundo de desigualdades e injustiças.

Brunildes Hoefelmann da Silva, ou Bruna, como é chamada por todos, é hoje diretora de uma escola na qual desenvolve vários trabalhos que buscam resgatar a identidade e a dignidade de pais e alunos de uma comunidade

humilde no interior da cidade de Brusque, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Mas para chegar até onde está hoje, percorreu um longo caminho. Desde a infância pobre, marcada por cenas de violência protagonizadas pelo pai alcoólatra, passando por diversas dificuldades, trabalhando desde os nove anos na lida na roça, como empregada doméstica, lavadeira, até alcançar um sonho de menina: ser professora, ensinar, cuidar de crianças especiais, reerguer uma escola e fazer da educação um bem para todos. “Sempre dizia aos meus filhos desde pequenos, quando os levava a bibliotecas, que dinheiro, riquezas nós não tínhamos, mas que o conhecimento poderíamos adquirir e que este ninguém tiraria deles”.

Hoje é mãe de quatro filhos. O mais novo, filho de um de seus irmãos, também com problemas com a bebida, foi adotado por Bruna quando a mãe faleceu. Bruna sempre teve pouco, mas este pouco se multiplica diante dos pedidos de ajuda dos irmãos, da família, dos amigos e até de desconhecidos. Aos 34 anos, já mãe e trabalhando como lavadeira no Sesi da cidade, tendo somente a quarta série do primeiro grau completa, ela voltou a estudar. Terminou o primário fazendo supletivo à noite e, ao mesmo tempo,

iniciou o magistério pela manhã. A estrada percorrida por Bruna foi longa. Duas vezes por semana ela fazia uma distância de 10 quilômetros de bicicleta até a escola onde cursava magistério. À tarde, trabalhava e, à noite, cursava o supletivo. Os filhos já adolescentes se viravam como podiam na ausência da mãe, muitas vezes não compreendida pelo marido.

Da infância pobre na localidade de Rio Branco, interior de Brusque, ela lembra que nunca brincava. Ajudava a mãe na roça, no plantio de milho, para fazer a farinha de fubá, e da batata doce, alimentos que amenizavam as dificuldades para saciar a fome dos dez irmãos. Vivia numa casa simples, de madeira, que tinha cinco camas de palha, divididas por 13 pessoas, Bruna, os irmãos e irmãs, a mãe, dona de casa, e o pai, o primeiro motorista de caminhão da localidade, que ensinou a quase todos os vizinhos seu ofício. “Na casa também tinha um fogão a lenha e um guarda-comidas. O guarda-comidas era muito sagrado e valioso para nós, mas na maioria das vezes estava vazio. Num quarto ficava uma gamela onde tomávamos banho, com água de poço”.

Aos sete anos, Bruna frequentava uma escolinha da localidade. Mas a menina pobre, que ajudava a criar os

irmãos, a capinar na lavoura, a limpar a casa, que protegia a mãe da violência do pai, não sabia ler nem escrever e nem falava uma só palavra em português. A exemplo de muitas famílias da localidade, na casa de Bruna só se falava o alemão. Na época, por volta de 1962, o alemão foi proibido e, naquela pequena colônia de alemães, em Brusque, as crianças começaram a aprender o português em sala de aula.

“Meu pai alcoólatra muitas vezes chegava do trabalho bêbado e fazia todos correrem pra fora de casa”. Mas Bruna sempre voltava para proteger a mãe. Uma cena marcou seus oito anos. O pai tentou pôr fogo na casa com a mãe dentro. Bruna então disse que primeiro ele teria que pôr fogo nela e ameaçou ela mesma atear-se fogo. O pai desistiu.

“Não sei o que é brincar, não tive infância. Recuperei a vontade de brincar quando nasceram meus filhos. Mesmo nos tempos mais difíceis nunca deixei de abraçá-los, beijá-los e brincar com eles todo tempo que eu podia”.

Aos nove anos foi trabalhar como empregada doméstica para a família mais abastada da região. Daí largou os estudos na quarta série, só vindo a retomá-los anos mais tarde. O dinheiro que ganhava dava para comprar o trigo e açúcar do mês.

A infância dura e as dificuldades nunca impediram Bruna de sonhar



Em 1986, a profecia
estava cumprida:
Bruna era professora

Como empregada, além de limpar a casa e cuidar das crianças, selava os cavalos, tirava o leite das vacas, capinava o terreno, ajudava na roça. Um verdadeiro trabalho escravo para a menina de nove anos que sonhava em ser professora. Para que seus sonhos fossem atendidos, ela rezava no porão de casa, diante de um pilar de madeira, pois o pai proibia a mãe e os filhos de irem à igreja. Religiosa, hoje frequentadora da igreja evangélica luterana, Bruna diz que na sua vida “aconteceram alguns milagres”. E ela tem razão.

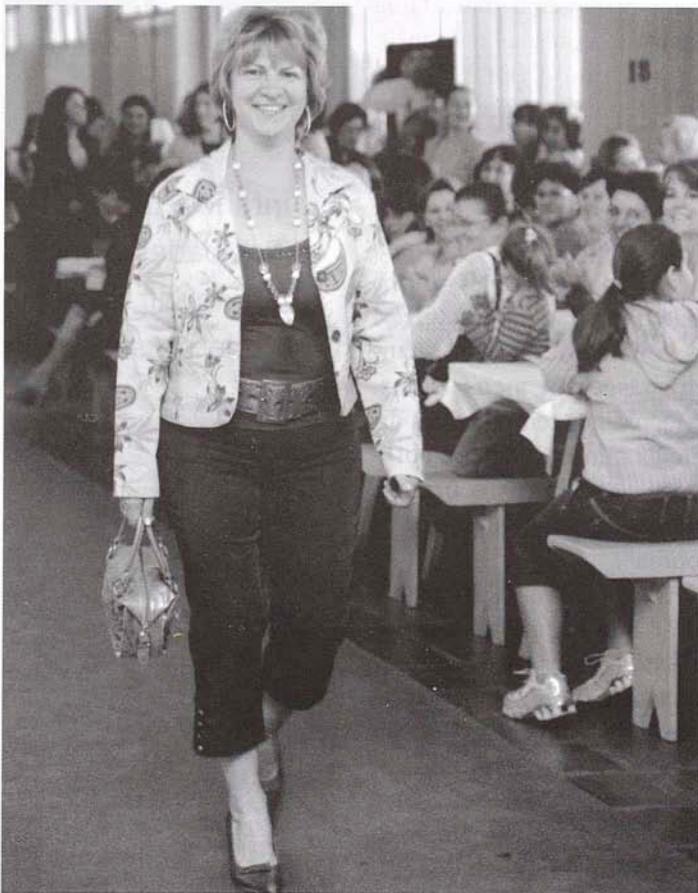
Dos 11 aos 15 anos, tra-

balhou como empregada doméstica para outra família, desta vez no centro da cidade. A escola, a infância, o sonho de ser professora, tudo parecia ficar cada vez mais distante. A casa era de três andares. Bruna limpava tudo e ainda tomava conta de um bebê que levava, como as índias, amarrado em suas costas, para que ele não chorasse muito. Aos 14 anos ela dividiu o trabalho de doméstica com outro emprego como operária numa empresa de cigarros da região.

Aos 17 anos se casou e aos 18 teve o primeiro filho. Mais tarde Bruna adotou seu sobrinho. Quando se casou, Bruna e o marido foram ser zeladores da Apae da cidade e ali viveram, num quartinho nos fundos da entidade, por muitos anos. “Éramos felizes lá. O terreno da Apae era grande, na época tudo era muito preservado e tínhamos vários bichos no quintal de casa, tartarugas, zurilhos, patos, marrecos”. De zeladora da Apae ela foi trabalhar como lavadeira no Sesi. Nasceram mais dois filhos. A terceira, uma menina. Grávida de dois meses da menina, Bruna descobriu que tinha rubéola. Os médicos e familiares aconselharam o aborto. Muitos não aceitavam o fato de a criança poder nascer com problemas. A mãe não queria realizar o aborto e começou aí uma longa batalha. Algo parecia avisar que a cri-

ança viria bem. Quando chegou ao hospital para fazer o aborto, o médico nunca estava. Outro médico, no dia de realizar o aborto, perdeu a mãe num acidente de carro e desmarcou. Finalmente um terceiro médico disse para ela ter o bebê. Contrariando a tudo e a todos, ela resolveu não abortar e acolher sua filha. Bruna não chorou durante o parto, porque havia prometido que não derramaria uma lágrima se a criança viesse com saúde. Emocionada, diz que a filha veio não só com saúde, mas era um lindo bebê.

Já com 34 anos, em 1983, Bruna ainda não havia perdido as esperanças de voltar a estudar e melhorar de vida. “Às vezes não tinha dinheiro para dar uma bala aos meus filhos, mas amor nunca faltou. Eu sabia que não podia desistir, porque senão o barco todo afundava comigo”. Mais uma vez, contrariando quem achava que ela não podia ir mais longe, Bruna escreveu num papel: “1986. Sou uma professora formada,” e iniciou mais uma jornada de superação. Trabalhando, cuidando dos filhos, fazendo o supletivo para completar o primeiro grau e ao mesmo tempo iniciar o magistério. Em 86 terminou o supletivo e conseguiu, através de um professor da rede pública, seu primeiro emprego como professora, auxiliando as crianças da primeira série de uma escolinha do in-



terior, dando aulas de reforço. Como uma profecia cumprida, em 1986 Bruna era, sim, professora. Em 88 formou-se no magistério.

Educadora e sonhadora, Bruna diz que ainda falta muito a fazer pela educação na sua cidade, no bairro da Limeira onde trabalha, no país. Mas a resposta, quando se busca mais apoio financeiro para investir na escola, é quase sempre a mesma: não tem dinheiro. Ela sabe que o trabalho que faz hoje como diretora da escola e com as famílias da comunidade – muitos pais jovens de 25, 27 anos mal conseguem ler e escrever – ainda engatinha até porque falta compromisso do poder público. Mesmo com verbas escassas, a escola, que tinha 66 alunos quando Bruna assumiu a direção, hoje já atende 178 crianças, desenvolve programas de educação ambiental e de alfabetização e aulas de 5ª a 8ª séries para adultos. Através destes projetos e de outros desenvolvidos pela escola, Bruna, os professores e os funcionários vão ajudando a construir um futuro melhor, com mais oportunidades para crianças e adolescentes da comunidade, oferecendo também aulas de teatro, poesia e artesanato com material reciclado na própria escola.

Seria impossível aqui contar toda a luta desta mulher que, mesmo com dificulda-

des em casa, separada do companheiro que muitas vezes não compreendeu o objetivo de sua jornada, nunca desistiu de seus sonhos. Quando assumiu como diretora, ela fez graduação e especialização em Pedagogia. Com 51 anos, vaidosa como toda mulher, desfilou recentemente como modelo para uma marca de roupa da cidade.

Pergunto a ela se isto basta, se está realizada. Olhando orgulhosa as duas monografias encadernadas em preto com letras douradas que segura no colo, ela diz: “Não, ainda não. Agora sonho em fazer Psicologia”. E alguém duvida que ela consiga? “Compramos um terreno maior e agora já começamos a construir uma nova escola no local, onde queremos fazer uma horta e plantar árvores frutíferas, para, além de incentivar o cuidado com o meio ambiente, usar esses alimentos na merenda dos alunos. Ainda há muito o que fazer”.

Questiono se ela nunca pensou em desistir, em largar tudo. “Pensei várias vezes em desistir. Mas uma força dessas que a gente tira não sei da onde, creio que da fé e do amor aos filhos, me fez seguir. Muitos dos meus objetivos foram alcançados. Hoje me realizo principalmente vendo meus filhos se formando em faculdades, como eu sempre sonhei”.

MINICRÔNICA

O galinho das onze

Por Míriam de Abreu

Foi nas férias de verão que comecei a notar. A manhã se embalava como numa rede, naquele nada-tudo por fazer. Então chegavam as 11 horas e vinha, dumas casas lá perto do cemitério São Cristóvão, o canto de um galinho. E desde então eu sei: ele amanece comigo.

O calor passou, foi-se também o outono, e nas manhãs em que posso sair tarde da cama, eu espero aquele cocorocóóó singrando o ar para atravessar a pracinha e entrar pela minha janela. E sorrio toda vez que isso acontece: o meu galinho não me falha. Eu e ele gostamos de acordar tarde, bem tarde.

Madrugada dessas, umas quatro da manhã, o sono sumiu e despertei. Encantada, ouvi o som familiar, só que rouco, decerto também insone. Passados uns minutos, o silêncio. Às vezes, tenho vontade de descer a rua e procurar o dorminhoco. Bater nas portas das casas e perguntar: - Olá, é aqui que mora um galo? Mas penso melhor e fico a olhar pela janela, só escutando. Gosto de pensar que eu e o meu galinho somos estranhos personagens de um conto de fadas urbano.





A nave dos inocentes

Rumo ao Sonho e ao Futuro

Por Urda Alice Klueger

A estrada era de barro e de pedra e de pó, mas tudo isso desaparecia numa baixa nuvem de bruma, bem rasiinha com o chão, a ponto de a gente se esquecer de pensar se os velhos pneus da Kombi iriam resistir aos pedregulhos pontudos ou não – na Kombi velha, que já deveria estar aposentada se cá não fosse o mais legítimo terceiro mundo (e está cheio de gente que acha que o Sul é diferente, pitéu de primeiro mundo), um bando de pequenos anjos como que agitavam suas tênues asas em forma de sorrisos, e ao olhar para eles, quem é que ainda ia pensar em coisas como pneus e pedregulhos?

Ela viajava adiante do carro aonde eu estava, a Nave dos Inocentes, e apesar de ser mais de três horas da madrugada e da estrada inóspita, cada pequeno anjo daqueles sorria e abanava para nós, e a Kombi tinha as luzes internas acesas, decerto para que nenhum anjinho chegasse a sentir medo, e eles eram tantos, mas tantos, que não sei como cabiam todos ali, meninos e me-

ninas de 3, de 4, de 6 anos, talvez, anjinhos com carinhas caboclas, com carinhas italianas, com carinhas alemãs, verdadeiros anjinhos brasileiros flutuando na névoa dentro daquela Nave que os levava em direção do Futuro, e sua alegria e farra eram coisas impressionantes! No carro onde eu viajava alguém lembrou que se tratavam de anjinhos que raras vezes andavam de carro, que de certo dali vinha sua alegria – e nós abanávamos e eles nos abanavam e riam, e aquela Nave dos Inocentes era como que uma coisa irreal a flutuar na noite, como se fosse um sonho lindo que alguém estivesse tendo, e na verdade, era um Sonho.

Quando eu contar qual era o Sonho, metade dos leitores não vai mais querer ler o resto da crônica, mas, vá lá: eu seguia a Nave dos Inocentes, e nos dirigíamos todos, num comboio que só aumentava, em direção de uma das fazendas de terras arrasadas (há fotos para comprovar o arrasamento das terras) que fazia parte do maior latifúndio do meu Estado, para ocupá-lo. E, diante de nós, como numa irrealidade, a

Nave dos Inocentes navegava em direção ao Sonho e ao Futuro.

Andei quebrando um braço e ele ainda não está bem bom; assim, sabia que apesar de estar fazendo parte de uma equipe de apoio, pouco poderia ajudar a carregar e fazer outras coisas para aquelas 500 famílias que seguiam para a ocupação. Então pensei nos anjinhos que abanavam na velha Kombi – e se, na hora em que a Kombi parasse, seus pais não estivessem a postos? Quatro horas da manhã é um horário muito tardio para meninos e meninas tão pequenos estarem naquela farra toda – havia que se pensar no que aconteceria se algum sobrasse na Nave. E já que estava sem muita força física, pensei em usar a força do coração, e ficar de guarda para quando a Nave dos Inocentes parasse, amparar junto ao peito algum anjinho que começasse a chorar. E foi o que fiz.

Assim que chegamos à área que estava sendo ocupada, tratei de sair do carro onde estava e ir ver o que acontecia na Kombi. Como eu, um ma-

gote de adultos seguiu para a mesma porta, e todos eram casais, e muitos tinham bebezinhos ao colo, e quase todos eram feios, mal-vestidos, judiados pela vida, envelhecidos prematuramente, sem nada de seu além daquelas crianças que começaram a sair da Nave. E então eles gritavam coisas assim:

- Segura na mão do Luizinho, e tu na mão do Antonio, não se soltem!

E cada casal arrebanhava alguns anjinhos, às vezes três, às vezes quatro, e os colocavam numa enfiada de mãos dadas, preciosos colares de crianças que eram as suas jóias mais preciosas, as únicas jóias das suas vidas sofridas. Em coisa de um instante a Nave dos Inocentes estava vazia – não sobrara nenhum anjinho para eu acalantar junto ao coração. E então eu soube que aquela gente jamais sairia dali a não ser por algum acordo feito por um bom juiz; que não haveria soldado, cachorro ou canhão que enfrentasse gente que tinha colares de tais preciosidades, gente determinada a tudo para garantir as suas jóias.

Blumenau, 20 de abril de 2004.

Zé Klueber e a semente

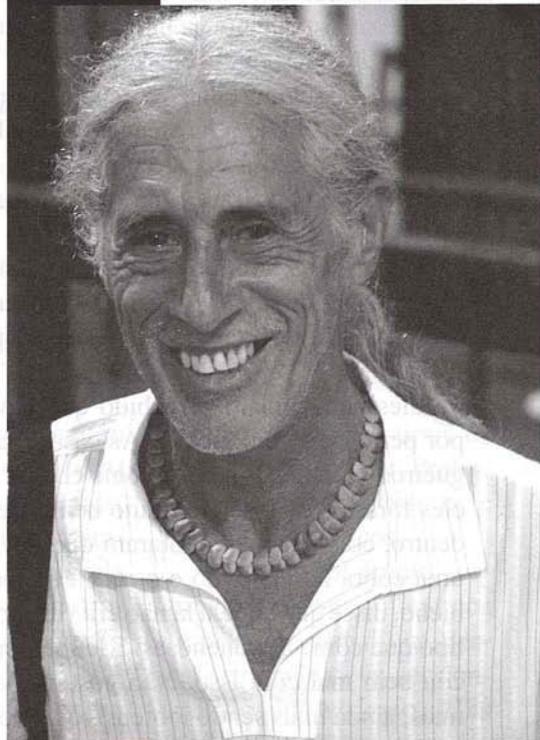
“Castanha elétrica” revela o poder dos frutos da floresta

Por Thomas Bisinger

Era uma festa particular, na cidade de Rio Branco, Acre. Nela, encontrei um homem baixo, de longos cabelos brancos e cacheados. Já tínhamos nos visto mais cedo, naquele mesmo dia, numa apresentação musical chamada “Boca de Mulher”, que acontecera no Teatro Plácido de Castro. Lá, ele havia me cumprimentado como se me conhecesse, e eu respondi, sentindo que havia uma certa conexão.

Então, mais tarde, na festa, ele veio até mim e explicou que, no teatro, achou que eu fosse outra pessoa. Mas aí a conversa fluiu e ele começou a contar suas histórias. Disse que era artesão e vendia “trampo” (colares, pulseiras, etc.) para sobreviver, até que teve um sério problema na vista que o obrigou a abandonar a profissão. Naqueles dias de confusão, pediu a Deus que o orientasse quanto ao que fazer da vida. Como poderia, naquela altura, mudar de profissão? O que faria? Foi quando veio a “resposta”: ele deveria compor canções. Esse sentimento soou estranho, pois até então não sabia tocar nenhum instrumento musical, apesar de já ter composto belas canções para sua religião. Mas, o fato é que Zé Kleuber, hoje com 56 anos, entendeu a mensagem, se sustenta como compositor e até já ganhou alguns prêmios em festivais, em diferentes partes do Brasil.

Desde o começo da conversa algo me chamou muito a atenção em Kleuber: o seu colar. Parecia feito com sementes de aguá. Ao longo do papo eu fiquei examinando para ver se realmente eram essas sementes. Então lhe perguntei. Ele deu uma risada, tirou o colar e o colocou em minhas mãos, indagando se eu conhecia a história desta semente.



Compositor se protege das cobras com sementes de aguá amarradas num cordão de palha

NATUREZA

Respondi que não, mas que sabia de sua força. E também disse que nunca havia visto aquela variedade, “mini”, aliás, muito charmosa.

Kleuber seguiu contando sua história. Que nasceu em Pernambuco e cresceu no Maranhão. Lá pelo ano de 1974 saiu a viajar com amigos e foram andando desde Rio Branco, no leste do Acre, até Cruzeiro do Sul, no oeste. Diz ele que, pela estrada, encontraram uma cobra que fazia movimentos ameaçadores. Na dúvida, a mataram com uma pequena espingarda que tinham. Foi quando apareceu um menino.

Eles nem tinham percebido que havia casas ali por perto - era muita mata. As casas eram de seringueiros. O menino indicou como chegar numa casa e eles foram até lá, sendo muito bem recebidos. Já lá dentro, conversando, contaram que haviam matado uma cobra no caminho e o menino, que fora ver o bicho, disse que aquela lá não era venenosa, e sim do tipo que come as venenosas. Kleuber lembra que ficou bem mal com isso. Não gostava de matar animais, ainda mais sendo inofensivos. Mas nada havia para fazer. Almoçaram e continuaram a viagem.

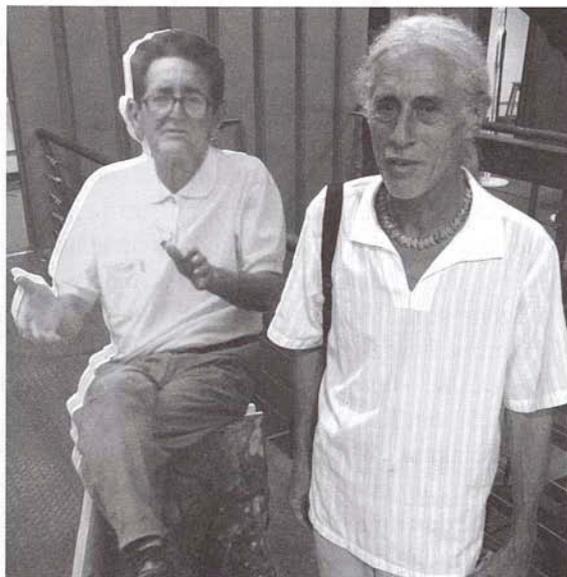
Mais adiante encontraram índios que acampavam no caminho e, numa conversa, Kleuber contou da cobra e do sentimento que o incomodava. Então uma índia levantou e foi buscar algo. Voltou com uma semente de aguaiã amarrada num cordão de palha. Disse que por conta do feito, as cobras iriam lhe perseguir e, por isso, deveria usar aquele cordão amarrado na cintura, abaixo do umbigo, para proteção. Sem discutir, ele o fez. Além do quê aquela semente o fazia lembrar da infância, no Maranhão, quando brincava com o fruto verde e macio, fincando gravetinhos em sua carne para imitar animais.

No dia seguinte, estavam andando pela trilha, em fila indiana, quando Kleuber ouviu o ruído de uma cobra se aproximando. Vinha na sua direção, mas, de repente, deu meia volta e sumiu na mata. Era o sortilégio da índia fazendo efeito.

Tempos depois ele ouviu falar de um certo doutor Henrique Smith que estudou esta semente e seus poderes, e chegou a escrever um livro chamado Aguaiã-Zen. O doutor, ao fazer a foto kirlian (foto da aura) da semente, verificou que ela tinha mesmo uma aura muito poderosa. Aquilo ficou marcado na sua lem-

brança e, então, certo dia, quando encontrou, sob uma árvore, estas mini-sementes de aguaiã, conhecidas no Acre como “castanha elétrica”, não hesitou e imediatamente fez um colar. Disse que já ouviu histórias sobre esse tipo de semente mini, que só aparece a cada sete anos, mas ainda não conseguiu comprovar, de fato, qual a história desta variedade. Até hoje só encontrou uma árvore que as produz assim, deste tamanho. O certo é que pouco tempo atrás estava numa situação onde apareceu outra cobra e ele resolveu fazer um teste: rodeou a cobra com as “castanhas elétricas”. Diz Kleuber que foi como magia. A cobra ficou parada com a cabeça erguida até que veio alguém e a recolheu.

Zé Kleuber conta ainda que há várias maneiras de usar a semente, além de servir como espantacobra, inclusive utilizando o óleo que tem dentro diretamente sobre áreas doloridas do corpo. Mas deve-se tomar cuidado para não ingeri-la, pois o líquido da semente e do fruto é venenoso. Outra coisa que ele descobriu com o tempo é que, para usar a semente em contato com o corpo, é melhor que seja em áreas onde não há ossos muito expostos, pois isso pode provocar dor. Foi aí que entendeu porque a índia disse para usá-la abaixo do umbigo. Esse povo da floresta tem mesmo sabedoria. Hoje, Zé Kleuber, assim como muitos outros que conhecem o poder desta semente, sempre que pode a carrega no bolso ou no pescoço. É muito poder.



Menos estudadas, mais incompreendidas

Doenças cardíacas nas mulheres são deixadas em segundo

Por Amberson
Vieira de Assis
Cardiologista



O que nos leva a considerar que a mulher cuida menos que o homem do seu coração? A cada ano, no mundo, mais de 8 milhões de mulheres morrem devido a uma doença ou ataque do coração.

- 8 vezes mais que o número total de mortes por câncer de mama;

- 6 vezes mais que as mortes relacionadas com a AIDS;

- nos países em desenvolvimento, a metade das mortes de mulheres de mais de 50 anos se deve a doenças ou ataque do coração.

Na verdade as mulheres têm suas doenças cardíacas menos estudadas e menos compreendidas. Um estudo mostra, que 60% dos médicos acreditam que os homens têm mais chances de

morrerem subitamente devido a um ataque cardíaco, quando na verdade as mulheres morrem mais nessa situação. A melhor maneira de prevenir essas doenças (angina, infarto) seria identificando aqueles indivíduos com maior risco de desenvolvê-las. Mudando hábitos de vida, combatendo a obesidade, fazendo uma atividade física, deixando de fumar e, quando indicado, usando remédios (aspirina, redutores da pressão e do colesterol, etc) podemos diminuir as possibilidades de sofrer um ataque cardíaco. Entretanto, um terço das mulheres não se beneficiam das medidas preventivas contra estas doenças.

Cerca de 10% da população brasileira é portadora de pressão alta. Esta doença é perigosa, porque muito freqüentemente é silenciosa - não apresenta sintomas. A manutenção de níveis descontrolados de pressão por longos períodos pode acarretar alterações importantes

em vasos - artérias - de todo o organismo, podendo levar a lesões cardíacas, renais, derrames cerebrais e alterações visuais. Outra medida fundamental para o controle da pressão é a redução do sal na dieta. Entre ½ a 1 colher de chá de sal por dia é uma quantidade suficiente para as necessidades orgânicas. No Brasil muitos consomem até cinco vezes mais do que isso. Por isso, dispense o saleiro de mesa, cozinhe com pouco sal e evite alimentos industrializados salgados. O controle de peso é também uma medida fundamental para o controle da hipertensão.

O diabetes é outra doença crônica que leva a problemas semelhantes, em vários aspectos, aos descritos para a hipertensão. Seu controle envolve medidas dietéticas; medicações, quando indicado, e atividade física regular. Uma dieta com pouco açúcar pode diminuir os níveis de glicose - açúcar no sangue - e diminuir os trigli-

cerídeos - um dos tipos de gorduras do sangue. Prefira adoçantes, refrigerantes e alimentos dietéticos.

O colesterol é uma gordura presente nos alimentos de origem animal que dessa forma não deve ser consumido em excesso. Mas atenção, algumas pessoas produzem mais colesterol que os demais, mesmo que tenham uma dieta pobre em gorduras.

O tabagismo, uma "auto intoxicação" voluntária, com milhares de substâncias nocivas, tem relação clara com um sem número de doenças pulmonares; cardíacas; gastrintestinais; urinárias, dentre outras.

Os exercícios físicos regulares envolvem disciplina e determinação. Comprovadamente trazem grandes benefícios ao organismo - principalmente ao coração - porém devem ser orientados, regulares e preferencialmente aeróbicos - caminhadas, ciclismo, natação, hidroginástica, ciclismo dentre outros.

Com Samuel, pelos Andes...

Os viajantes dividiram o pão e as dificuldades na subida ao Atacama

Por Elaine Tavares

RUMO AO DESERTO

Seu nome: Samuel. O encontramos meio escondido debaixo de um enorme caminhão que carrega papel. Estava quase marrom, da mesma cor que cobre tudo na perdida cidade de Susques, na puna argentina. Com um pano sujo, tocava aqui e ali no coração da máquina, bus-

cando achar o problema que o prendia naquele lugar. Estava atrasado e mal-humorado. Susques é o portal dos Andes, cidade fronteira onde está o posto da alfândega, e todos os caminhões que cruzam a fronteira entre Chile e Argentina têm que, obrigatoriamente, parar ali.

Por isso, era ali que também estávamos, na busca de uma carona para San Pedro de Atacama. Samuel já era o quarto caminhoneiro a ser consultado sobre a tal carona. “Não dá, tô quebrado”, foi a resposta seca e incisiva.

Já eram onze da manhã, e a possibilidade de outros caminhões passarem se esvaía. O movimento maior era sempre de manhãzinha. “Até o meio dia ainda pode aparecer alguém”, dizia Fernando, um dos fiscais da aduana, ansioso por nos ajudar. Mas, nos olhos dele, se percebia que as chances eram pequenas. Teríamos que ficar mais um dia em Susques e nosso sonho de chegar ao deserto ficava mais distante. dali não saía ônibus nenhuma. A única chance era mesmo um caminhão.



O argentino Horácio fez a foto do grupo: Marcela, Elaine, Samuel e Míriam

Às onze e meia Samuel apareceu na aduana para acertar os papéis. Iria arriscar atravessar a cordilheira com o caminhão ruim. Não podia mais ficar ali. Estava igual a nós. Com pressa de chegar ao Chile. Mas tinha medo de levar caronas. A coisa podia ficar ruim. A cordilheira é traiçoeira e havia notícias de que estava nevando mais acima. “É arriscado”, balbuciava, enquanto Fernando insistia em convencê-lo a nos levar. Então, foi vencido. E lá fomos nós, levando a reboque o argentino Horácio, que voltava para a fronteira com um galão de gasolina. Seu carro havia ficado lá, sem combustível. Seríamos cinco a subir os Andes no caminhão avariado.

A intensa fumaça branca que saía do “possante” deixava claro que, sem óleo, não chegaríamos a lugar nenhum. Poucos quilômetros depois de Susques paramos num posto, o último de toda a travessia da cordilheira. Só havia quatro litros de óleo disponíveis. Compramos. Sim, nós, porque Samuel estava tão quebrado quanto o caminhão. Há dias fora de casa e com o veículo avariado, já não lhe restava qualquer tostão. Tossindo e cuspiendo fumaça lá foi o caminhão pelas trilhas das montanhas.

A travessia é solitária. Vez ou outra, muito rara, aparece alguém. Geralmente os caminhões passam bem cedi-

nho e acaba-se encontrando pouquíssimos carros de passeio. O trotezito do caminhão não saía dos 40, 30 quilômetros por hora. Íamos rezando para que o óleo não evaporasse todinho. Mas, faltou santo. O barulhinho de pi, pi, pi, no painel dava conta de que era preciso parar. Na estrada, o vazio. Uma chuva forte. Deserto total. Os cinco desolados. Por milagre passou um caminhão e compramos mais quatro litros. Volta todo mundo para o caminhão e toca a subir. Marcela começa a ter dor de dente e ri de nervoso. Eu, que não havia comido nada aquele dia, comecei a passar mal por causa da altura. Na frente, Míriam seguia, impávida, de papo com Horácio, que contava sobre Córdoba, sua cidade natal.

A duras penas chegamos em Paso de Jama, a fronteira, e ali deixamos o companheiro argentino. Seguimos a subida, o possante cuspiendo fumaça. Agora, na estrada de asfalto, o que nos esperava era a neve. Começou de repente e, num segundo, tudo estava coberto de gelo, inclusive o caminhão. Bem nessa hora lá veio o barulhinho insistente, pi, pi, pi. De novo paramos. No meio da neve. Um frio de rachar. Só um milagre faria passar alguém àquela hora. Pois não demorou 10 minutos e logo

apontou um caminhão. Mais quatro litros de óleo. Vibrávamos com palmas e gritos. O caminhão seguiria seu ritmo de completa lentidão. Samuel ria e contava um pouco de sua vida. Em 27 anos de estrada, sempre fazendo a rota da cordilheira, nunca havia passado por aquele tipo de situação. Casado e com três filhos, queria chegar logo em Calama, no Chile, onde esperavam por ele uma comidinha caseira e uma cama quente. Achava estranho o fato de nós três sermos casadas e viajarmos sozinhas. “Lá no Brasil a gente é moderno”, brincava Míriam. E ele ria um riso que deixava antever que lá no Chile não era assim não.

Como a jornada era longa, dividíamos a pouca comida que tínhamos: um pão de sal pequeno que eu comprara em Susques, cortado em quatro pedaços, uma barra de cereal, também cortada em quatro e pedaços de gengibre. Foi o que nos sustentou até o fim do dia. Não imaginávamos que levaríamos mais de oito horas para fazer duzentos e poucos quilômetros até San Pedro.

Já ia caindo a noite e estávamos a 20 quilômetros de San Pedro. Parecia que tudo iria dar certo. Chegaríamos, enfim. Mas o mal-fadado pi, pi, pi, de novo nos fez parar. Agora, não seria possível um novo milagre.

O mal fadado pi,
pi, pi, de novo nos
fez parar. Agora
não seria possível
um novo milagre...

Ficamos, os quatro,
dentro do caminhão,
buscando nos
aquecer com o calor
um do outro

Era pedir demais para os deuses da cordilheira. Samuel disse que se, por ventura passasse alguém, seria melhor a gente ir com a nova carona. Ele passaria a noite ali. Não aceitamos. Estávamos juntos e chegaríamos juntos. O vento soprava com uma força descomunal. Devíamos estar a mais de quatro mil metros acima do nível do mar. Ficamos, os quatro, dentro do caminhão, buscando nos aquecer com o calor um do outro.

Então, no meio da ventania, como num milagre, assomou um carro branco, de passeio. Samuel desceu e pediu para que parasse. Eram dois bolivianos que vinham na direção contrária. Uma conversa rápida e Samuel trouxe a notícia. “Ellos van llevar las chicas”. Insistimos que seríamos solidárias, ficando, mas Samuel não quis. “Us-

tedes llegan en los carabinieri y ellos me ven ayudar”. Bom, assim, tudo bem. Lá fomos nós com as mochilas para dentro do carro dos bolivianos, enquanto Samuel ficava na estrada, acenando. Eles conversavam, nervosos. Na verdade, o motorista tinha vindo do posto da fronteira. Tinha sido mandado de volta para a Bolívia porque trazia um clandestino. Os guardas o obrigaram a levar o outro – que era um primo – até a fronteira daquele país. Mas eles haviam decidido que o garoto ficaria ali, no meio do deserto, naquela ventania, e entraria no Chile a pé, de forma clandestina. “Ustedes no digan nada”, pediam, assustados. E nós, concordando, é claro, mais assustadas do que eles.

E foi assim que chegamos ao Chile. No carro do

boliviano, que já estava encrocado. A polícia, normalmente mal-humorada, já nos marcou. Revista total. Abre mala, abre bolsa, abre bolso. Éramos “suspeitas”. Eu, que trazia um saco de folha de coca no bolso, corri para o banheiro e me liberei de tudo. Foi um momento de tensão. Mais uma vez, foi Samuel quem nos salvou. Pedimos ao carabiniere que fosse ajudar o companheiro, chileno, que estava parado a 20 quilômetros dali. Penso que foi só aí que acreditaram que não éramos cúmplices do boliviano.

Mochilas nas costas, entramos a pé em San Pedro de Atacama depois de oito horas na estrada. Foi o tempo que levamos para fazer pouco mais de 200 quilômetros. Ainda estávamos um pouco tensas com toda a aventura. Então, ao virar a esquina do pequeno povoado que era a cara daquelas vilas de seriado de Zorro, foi exatamente isso que vimos. Dentro de um ônibus que saía da cidade, o próprio Zorro dirigindo, mascarado, a acenar. Caímos na gargalhada e entramos na Caracoles – rua principal – prontas a viver a mais linda experiência do deserto chileno. Lá longe, no meio da noite, Samuel recebia dos carabinieri mais quatro litros de óleo, o que lhe garantiria passar a noite em casa.

Fernando (à esquerda)
dá dicas para as viajantes
chegarem ao deserto



Sobre a covardia

Por Rosângela Blon de Assis

Hoje chorei pela covardia que me domina.
Chorar alivia a culpa,
e também lembra que ela existe.
Covardes choram e separam moedas,
roupas velhas,
pequenos presentes,
e até um almoço.
Covardes distribuem
o que não lhes faz falta.
Aliviam a culpa
e desafogam os armários.
Assim, escrevi sobre a fome no mundo,
fotografei a desigualdade,
e comprei cadeados.
Covardes lêem sobre as barbáries,
se emocionam com os excluídos no cinema.
E compram roupas novas,
planejam a viagem,
e abastecem o freezer.
“Não podemos resolver tudo!”
Covardes tentam aliviar a culpa,
comprando a rifa,
levando as doações
e rezando.
Diariamente me junto à multidão de covardes
que acordam,
comem,
trabalham,
e dormem.
Um dia vamos morrer, definitivamente.
Sem fazer falta.
Sem ter colocado
um tijolo sequer,
na construção de uma vida melhor.
Que a maioria não sabe como é.
nem vai saber,
enquanto covardes choram
sem que nada lhes alivie a culpa.

POEMA

Foto: Osvaldo Vicente

Piores momentos...

- Ganha um bromélia de presente, resolve acariciar as folhas e fica com os dedos cheios de espinhos. Pior, liga para o hospital da universidade para ver se tem perigo de intoxicação.

- Viaja a Buenos Aires com uma faca dentro da bagagem de mão; descoberta no raio-x, se recusa a jogar fora o artefato, gritando: - É para cortar frutas! Quase fica no Brasil.

- Ainda em Buenos Aires, assustada com o movimento das ruas, espera longos minutos a sinaleira, que está vermelha, ficar verde, e só atravessa quando, passados outros longos minutos, o vermelho aparece novamente no semáforo.

- Compra uma bota linda, de salto alto, em promoção; usa uns dias, tem uma crise de dor nas costas, gasta o que não tem em fisioterapia e manda cortar o salto da bota.

- Chega no quarto do hotel e enche a bolsa com as coisas do frigobar, achando que estava tudo incluído no valor da diária.

- Procura uma bolsa pequena para sair à noite e quando acha a dita cuja ouve essa da filha: “essa que eu uso pra brincar não! Mãe, essa já tá com a validade vencida.”

- Vai dar palestra em cidade do Nordeste e fica mais de meia hora na porta do quarto do hotel tentando abri-la com um cartão magnético. Tem vergonha de confessar que não conhece essa “novidade”. Mas, como é nojenta, consegue.

...de Pobres & Nojentas!

Vai ser como queria Micaela

A filha de Tawantisuyo marcou com sangue e coragem a história da gente peruana

Por Elaine Tavares



Era 1745 na vastidão do Peru. Terra de incas, os filhos do sol. No povoado de Tamburco, em Abancay, departamento de Apurímac, nascia Micaela Bastidas Puyucagua, uma guria mestiça que iria marcar com sangue e coragem a história da gente peruana. O pai, Manuel, tinha sangue espanhol, mas a mãe, Josefa, era inca da gema. Esta mistura fez de Micaela uma linda mu-

lher de traços fortes e cabelos ondulados, uma “zamba” que, para as gentes de Abancay, significa alguém com características distintas das dos andinos, mestiça. Mas, ao logo de sua vida, mostrou que – apesar do sangue espanhol – era verdadeiramente uma mui digna filha de Tawantisuyo, a grande nação do povo dos Andes.

E foi em Tamburco que ela cresceu, um povoado rural, pequeno, pobre, mas rota de passagem dos viajantes que circulavam pelo país em lentas mulas na penosa jornada de carregar mantimentos e produção de um lado para o outro. Foi correndo por aqueles pastos e observando a crescente pobreza das gentes que ela desenvolveu o aguçado senso de justiça

que mais tarde iria se transformar em lenda.

A história de Micaela se mescla com as grandes lutas de libertação da América Latina quando, em 1760, ainda juvenzinha, casa-se com José Gabriel Condorcarqui, cacique de seu povo e descendente do último inca Tupac Amaru, morto em Cuzco no ano de 1572. É ele quem vai incendiar as paragens peruanas na revolução que ficou conhecida como a “revolução de Tupac Amaru II”.

Naqueles anos do final do 700, a exploração dos trabalhadores indígenas era uma coisa insuportável. A colônia fazia seus estragos, rapinava riquezas, escravizava os seres. Já tinham passados quase duzentos anos desde a invasão e os povos originários estavam começando a despertar da letargia. Rebeliões haviam sido feitas ao longo desses anos, mas todas tinham sido esmagadas. A mais recente, em 1760, justamente o ano do casório de Gabriel e Micaela, fora liderada por José Santos Atahualpa, buscando restaurar o reino dos incas. Esta última fez os espanhóis ficarem de cabelo em pé, porque perceberam que, nas comunidades indígenas, algo muito poderoso começava a se fortalecer: o desejo de liberdade. A parte disso, também os *criollos* (gente nascida na terra, mas com sangue espanhol) estavam insatisfeitos com a coroa por causa dos altos

impostos. Caldo perfeito para mais confusão.

Por conta destes dois elementos incendiários, Tupac Amaru acabou liderando uma revolução vinte anos depois, em 1780. Homem letrado, já cacique de seu povoado, o descendente do inca já estava impregnado dos ares rebeldes que vinham da França, dos Estados Unidos e do Haiti. Seu primeiro ato revolucionário foi acabar com as *obrajes*, espécie de fábricas onde os índios eram explorados até a morte, ganhando miseráveis salários. Seu propósito era ir até Cuzco, destruindo todas estas formas de opressão e instaurando um governo indígena. Não foi à toa que em poucos dias já tinha juntado mais de 10 mil índios no seu exército. E, nessa caminhada até o “umbigo do mundo da nação do Tawantisuyo”, ele ia libertando todos os escravos.

Durante o pouco tempo (cinco meses) que durou a revolução de Tupac Amaru, Micaela Bastide esteve a seu lado. Por várias vezes comandou as tropas e não foram poucas as suas ações como chefe de governo. Seu corpo forte e esguio era visto, manhã cedinho, a cavalgar pelos povoados, arrebanhando gente para a guerra. Ela era quem administrava as provisões, mobilizava os destacamentos e administrava as terras liberadas pela revolução. Era considerada a facção mais radical do movimento. Quando Tupac Amaru vacilava no seu avançar sobre Cuzco, era Micaela quem o impulsionava, pessoalmente ou através de cartas que lhes fazia chegar amiúde. Por várias vezes se mostrou mais estrategista do que ele como, por exemplo, quando intuiu que a união com os *criollos* não ia dar em boa coisa. A história comprovou que tinha razão. Esperando por um levante das gentes de Cuzco, Tupac Amaru demorou a entrar na cidade. Isso fez com que as tropas reais se rearticulassem e o derrotassem em março de 1781. Cuzco não foi conquistada e tudo se perdeu. Numa de suas cartas a Gabriel, Micaela escreveria: “Chepe, chepe, mi muy querido: bastantes advertencias te dí”. Ela nunca confiara nos brancos e tampouco nos *criollos*. Sempre acreditou que, entrando na cidade, venceriam. Gabriel não lhe deu ouvidos.

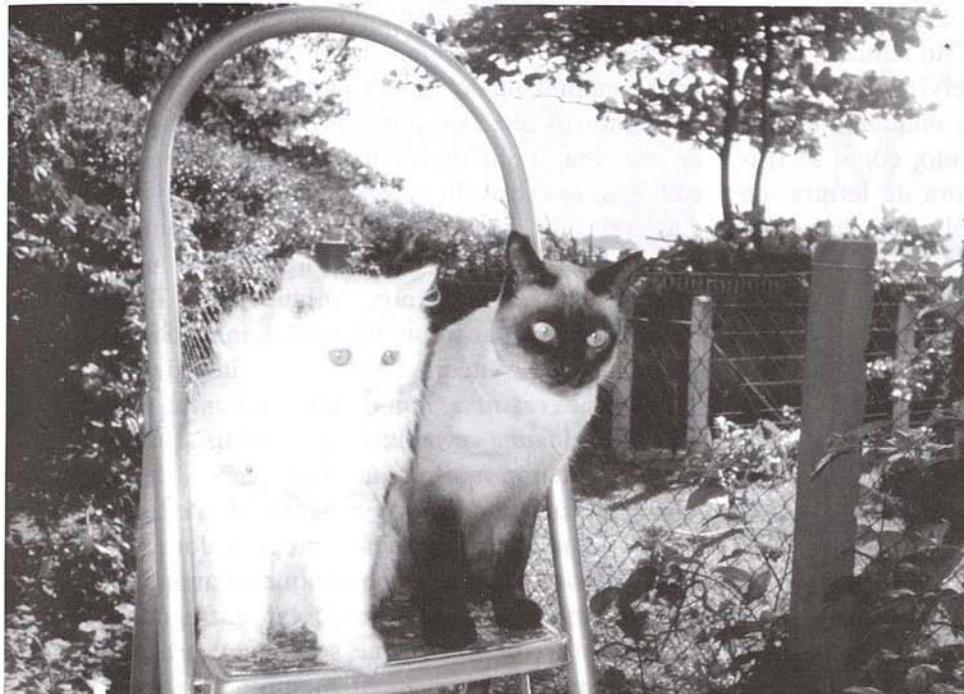
Assim, vencidos, os líderes rebeldes foram aprisionados. Entre eles estão Gabriel (Tupac Amaru),

Micaela era a alma da rebelião. Comandante altaneira, era quem empurrava Tupac Amaru rumo a Cuzco

Micaela e seu filho Hipólito. No mês de maio do mesmo ano todos são supliciados na Praça Maior da cidade. Micaela, Gabriel e o filho chegam arrastados por cavalos. Irão sofrer todas as torturas possíveis. O primeiro a morrer na forca é Hipólito, diante dos pais. Mas, antes, lhe arrancam a língua. Micaela assiste impávida. Depois, vários outros rebeldes vão sendo mortos nas mesmas condições de crueldade, muitos são parentes, amigos. Micaela é a penúltima. Sobe no cadafalso com a mesma altivez que lhe valera a formosura. Tem a língua arrancada e depois, como não morre em seguida, os carrascos ainda lhe aplicam golpes no estômago e no peito. O filho mais novo, de nove anos, assiste a tudo. Será levado depois, prisioneiro, para a Espanha.

O último a morrer é Tupac Amaru. O cacique revolucionário é amarrado a quatro cavalos que são postos a correr em direções opostas para que o corpo do índio seja esquartejado. Os cavaleiros esporeiam os bichos, eles arrancam e o cacique não se parte. Por várias vezes é feito o mesmo procedimento e Tupac Amaru não se parte. Os espanhóis desistem e desamarrando-o o esquartejam a golpes de machado, sendo suas partes espalhadas por várias regiões do Peru. Dizem que nessa hora sagrada, em que o corpo do inca resistiu, uma chuva grossa caiu do céu.

Talvez seja por isso que até hoje, quando chove no Peru, as gentes originárias se ponham a sorrir. Lembram o tempo em que Tupac Amaru incendiou de novo a caminhada para a liberdade, junto com Micaela. Lembram que sempre é possível enfrentar a violência, o terror, o medo. Sorriem e seguem, porque há ainda muita estrada para caminhar. O povo de Tawantisuyo ainda não entrou em Cuzco. Vai entrar, e vai ser como queria Micaela. Isso ainda vamos ver!!!



Fotos: Raquel Moysés

Os animais
acompanham os
humanos ao
longo dos dias e
noites dos
tempos.
Convivem com a
sua miséria, sua
generosidade,
sua
monstruosidade

HUMANIDADE

Cuidadores de bichos e outros seres

Companheiros fiéis na comunidade das gentes

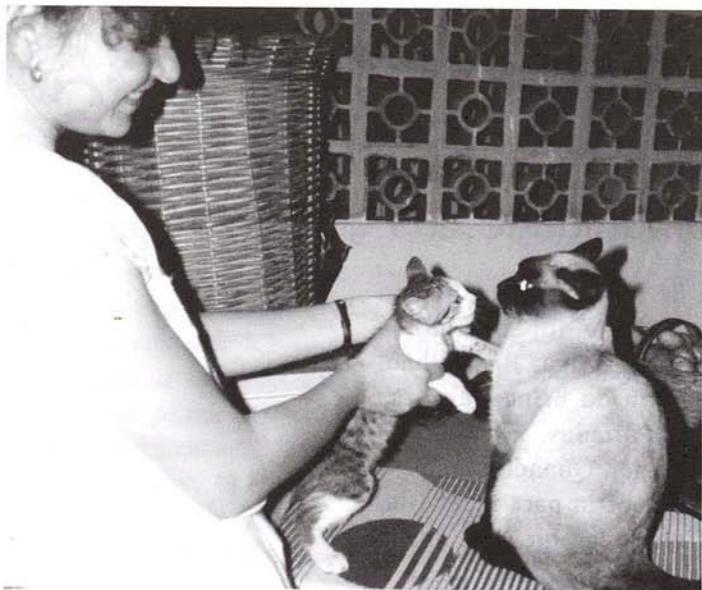
Por Raquel Moysés

Ueivi era como uma onda de ternura. Abandonado numa praia do continente, tenro filhote, foi acolhido na casa de meus pais. Viveu uma vida longa. Brincalhão, irreverente até demais. Na euforia da brincadeira, às vezes arranhava com suas garras afiadas. Ele tinha, é verdade, um jeito quase canino de ser. Quando uma pessoa da família chegava em casa, corria para recebê-la, saltitante como um cachorro. Como todo bicho se apega de modo especial a uma pessoa, escolheu meu pai, e o

seguia passo a passo. Onde ele estivesse fazendo um serviço, no quintal, no telhado, lá estava o gato da onda: Wave, Ueivi. Com a língua de fora, postava-se a seus pés enquanto tocava acordeão, e parecia embevecido, como se frusse a música. Depois, na hora da leitura, de assistir televisão, buscava o colo. Repouso compartilhado.

Gato abandonado ao sabor das ondas, Ueivi, sujeito de uma vida, viveu uma existência boa e bonita. Bem alimentado, amparado na hora da doença. Quando as forças começaram a lhe faltar e os quadris não suportavam mais o peso de seu corpo de gato brasileiro, daqueles manchadinhos como uma jaguatirica, ele foi cuidado com remédios e carinho. Assim foi também na hora da boa morte. Quando uma manhã amanheceu sangrando, sofrendo muito, os seus cuidadores, coração pesado, chamaram a veterinária para que aliviasse seu sofrer. E assim ele partiu, deixando entre as pessoas uma recordação de ternura. Um acalanto felino.

Velozes noites, densas trilhas,
paragens do mundo,
ruas e ritos: uma lareira e um
gato...



Ueivi viveu entre gente e dela recebeu amor e respeito. Sua vida também foi compartilhada com uma comunidade de bichos. Outros gatos, vários cachorros que, ao longo dos quase 15 anos de sua vida, foram dividindo o quintal, as brincadeiras, os saltos do muro, as fugas para a rua e as areias da praia, o retorno ao lar. Da comunidade dos bichos, assistimos à morte de uns poucos: Ueivi, Nina, Neige, Dilan, Benin, Tintim... Os outros partiram sem deixar sinais. Simplesmente sumiram um dia ou uma noite e deles não ficaram rastros. Como é dito, até entre veterinários de uma certa linha, os animais, quando pressentem a morte, vão embora.

Assim foi com Newar. Eu o trouxe de longe, da velha Itália dos meus antepassados. Ao retornar dos estudos, depois de quatro anos vivendo com ele, não poderia deixar, entregue à própria sorte, o siamês que se conchegara no meu colo entre livros e apontamentos. Eu o acolhia e ele me oferecia seu calor nas intermináveis noites de inverno, debruçada sobre livros e escritos de jornalismo, tendo por companhia o crepitar do fogo da lareira acesa.

Na volta para casa, cumpridos todos os caminhos da burocracia humana, ele viajou comigo entre os passageiros, abrigado na sua bolsa de viagem, e entrou em terras brasileiras com visto de ingresso. Deixou logo de ser estrangeiro na comunidade de gente e de bichos. Depois do primeiro susto com os cães, um dálmata e um pastor, que o puseram a correr pinheiro acima, passou a conviver de forma harmoniosa no quintal junto ao mar. Toda manhã acordava, com um leve toque de cabeça, minha mãe, a quem escolhera como especial desde o primeiro encontro. Era de uma delicadeza e uma ternura intangíveis. Tinha uma fala para cada momento, e quando erguia os olhos azuis, neles havia algo que só podia ser lido como amor. Parecia carregar a doçura do povo nepalês de quem herdara o nome.

O pinheiro em que subiu amedrontado não existe mais. Newar também foi embora antes de completar 13 anos. Desapareceu uma ma-



nhã bem cedo e de nada adiantaram as buscas e os cartazes espalhados pelas redondezas de sua casa. Deixou em nossas vidas um sopro de luz. Para mim, nunca existiu um gato como Newar. Para alguns, talvez muitos, o que estou dizendo pode parecer um despropósito. Lirismo barato, dirão os descrentes. Mas sei que quem compartilha da comunidade dos iniciados, cuidadores de bichos e outros seres, entende o que estou dizendo.

Por pensar assim, quando vi no jornal a imagem daquele cachorro com a cabeça traspasada por uma faca, e daquela fêmea Pittbull grávida esfaqueada por algum desalmado, e soube dos cuidados afetuosos que receberam, é que ainda acredito no gênero humano. Por isso, quando tive notícia, pela televisão, da pena alternativa a ser cumprida no canil por um jovem que espancou até a morte um outro cão, ainda espero algo da justiça dos homens.

Os animais acompanham os humanos ao longo dos dias e noites dos tempos. Convivem com a sua miséria, sua generosidade, sua monstruosidade. Compartilham o pão e a água com andarilhos e recebem túmulos de mármore de ricos “donos” que os tratam como sua propriedade. Mas o despropósito não está em tratar com dignidade o ser animal, o absurdo é condenar o ser humano ao desespero da dor, da fome, do descuido mais desesperador que é o abandono. Só quem é capaz de amar e cuidar com desvelo de um animal enfermo, sujeito de uma vida, do mesmo modo delicado e compassivo que se debruça sobre o leito de morte de um homem, uma mulher ou uma criança, é digno de sua humanidade.

Caramba! Me chamam de burro?!

Por Stefano Roberto Moysés Colucci *

Era a primeira vez que Hernán viajava para a Itália. Seu destino era Milão onde ele, jornalista, faria seu doutorado em Comunicação. Ele era colombiano, da cidade de Medellín, onde trabalhava no setor de telejornalismo de uma universidade. Durante a longa travessia atlântica, na hora da refeição, pediu um “palillo” (palito de dente, em português). A aeromoça da Alitalia (companhia de aviação italiana), que entendia menos espanhol do que Hernán entendia italiano, não compreendeu bulhufas.

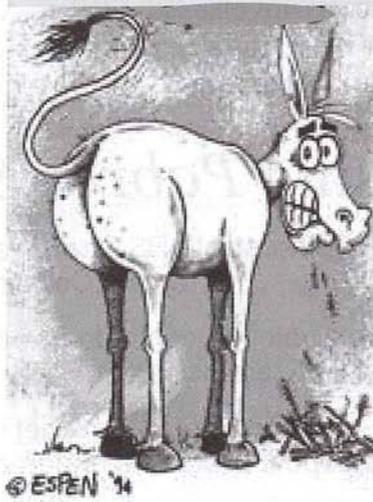
Procurando agradar o passageiro, ela perguntou em italiano: - O senhor quer lenços de papel? Pão? Açúcar? E assim ia mostrando objetos, num jogo de tentativa e erro. Numa desesperada busca pelo objeto certo, ela finalmente disse: - “Burro?”

Hernán ficou encabulado, mas nada falou à aeromoça, que desistiu da inútil caça às palavras. O jornalista pensou com seus botões: - Mal cheguei à Itália e já estão me chamando de burro?!

Dias depois, em Milão, descobriu o verdadeiro significado de “burro”, em

italiano, e caiu na gargalhada com duas novas amigas, jornalistas brasileiras. A aeromoça não o havia chamado de pessoa pouco inteligente, mas tinha lhe oferecido apenas manteiga.

* É estudante da 4ª. série do ensino fundamental, tem 10 anos



PARA QUEM TEM POUCA GRANA

§ Por R\$3,50 dá para comer um dos melhores cachorros-quentes (completos) da cidade. É o Cachorro Louco, na rua geral de Coqueiros, duas quadras depois do supermercado Imperatriz.

A van dos vendedores fica parada na frente do posto de gasolina a partir das 19 horas. O comprador pode se sentar em banquinhos de plástico enquanto aguarda o preparo do lanche. Vale a pena!

§ Quem tira o dia para passear no centro de Florianópolis tem que dar uma parada na livraria Paulus, na Jerônimo Coelho, 119. Os atendentes são informados e atenciosos. O ambiente é tranqüilo. Nem precisa comprar. Folhear os livros já é um prazer. Mas quem reservou uma grana pode adquirir um de teologia e estudos bíblicos em geral, filosofia, sociologia. Só coisa boa.

§ O 24º Festival de Dança de Joinville (SC) começou no dia 19 e encerra-se em 29 de julho no Centreventos Cau Hansen. O preço dos ingressos é “salgado”, mas dá para assistir de graça a espetáculos em locais variados como praças, shoppings, empresas e outros locais nos chamados Palcos Abertos. Grupos de todo o país aproveitam esses espaços para apresentar sua arte. Joinville é uma delícia, ainda mais no período do festival.

Assine Pobres & Nojentas

5 edições (bimestral): R\$ 22,50 (estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

Café Filosófico

A TV de sinal aberto tem pouca coisa boa para se ver. Mas tem uma que é ótima. O nome: Café Filosófico. O programa é transmitido aos domingos, às 22h, na TV Cultura. Em julho deste ano, passou a exibir novo formato. A atriz Graziella Moretto apresenta a série *O amor é uma coisa que se aprende*, com curadoria do psicanalista Contardo Calligaris.

São séries de palestras que falam sobre as principais questões do ser humano contemporâneo: amor, sexo, os excessos e as maneiras de criar ou recriar vínculos. Os temas são discutidos por estudiosos brasileiros do comportamento e das relações humanas – psicanalistas, historiadores, cientistas sociais e filósofos. No dia 30 de julho, o tema vai ser “Amar é uma coisa que se aprende e se aprende em casa”.

Não dá para perder. O Café Filosófico faz a gente pensar, “puxar assunto” com amigos e saber mais das coisas do mundo. E é de graça.



Solidarize

Tânia Rodrigues

Jogue seu ego no lixo!

Solidariedade, solidariedade

Não é só uma palavra

Solidarize, solidarize

Não é uma palavra morta

Identifique, traduza e multiplique

Jogue no lixo

O seu racismo

Solidarize, solidarize

Seu individualismo

A sua homofobia

Solidariedade

Solidariedad

Solidarize, solidarize

Solidarité

Tire do lixo

O seu amor

A sua verdade

A sua alegria

Solidarity

Solidariät

Solidarize, solidarize

Solidarietà...

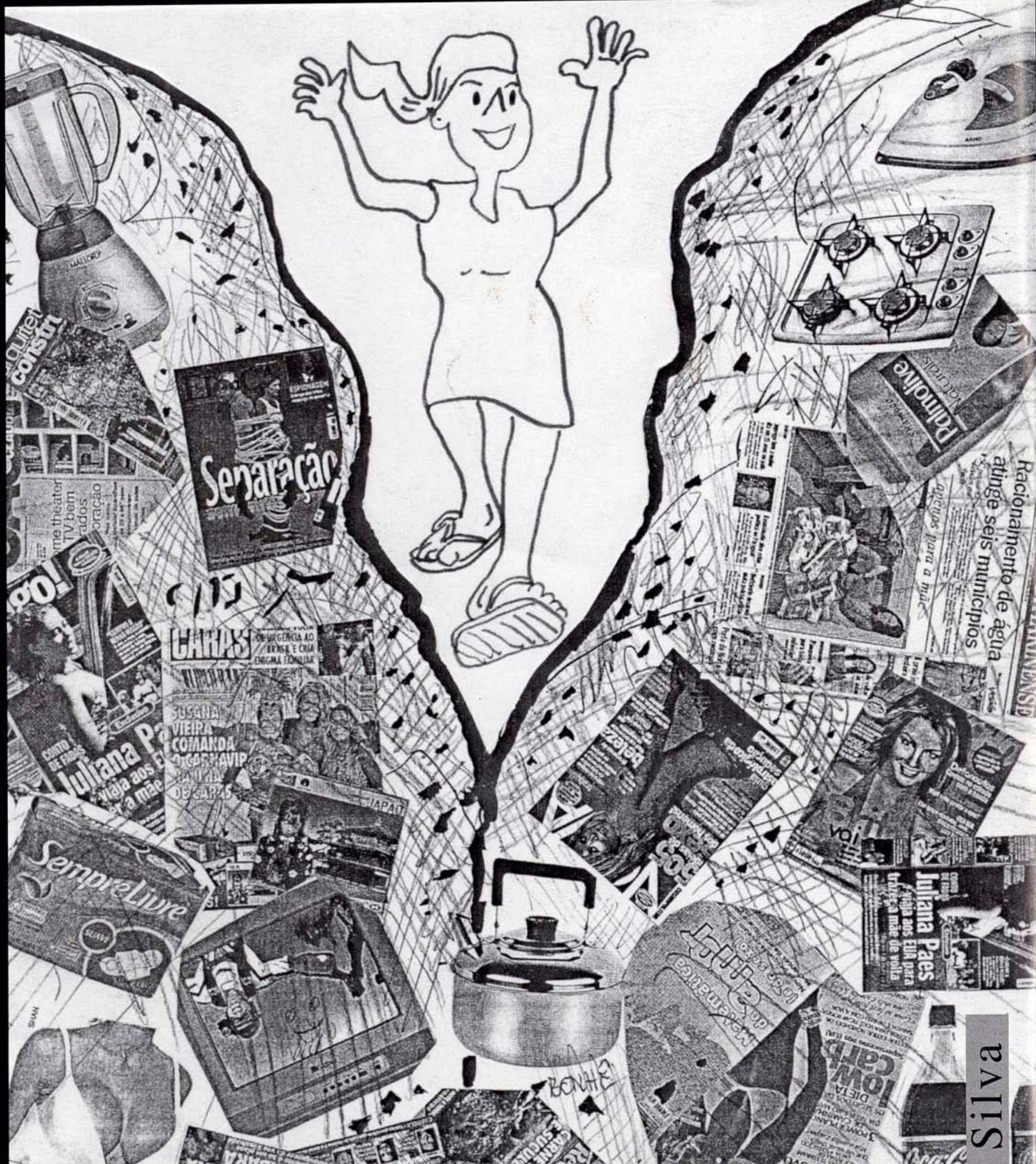
Solidariedade, solidariedade

Não é só uma palavra

Não é uma palavra morta

Identifique, proclame, pratique

Jogue seu ego no lixo



Senaração

CARAS

Quilte

me theater
TV com
adidos
circulo

BO!

Juliana Paes
Conto de fadas
viaja aos
a mãe

Sempre Livre

SUCANA VIEIRA
COMANDA
O GORRÃO
MUNDA
DE CARAS

JAPÃO

Washing Machine

Pot

Stove

Palmolive

Racionamento de água
atinge seis municípios

666

Juliana Paes
Apaga aos EUA para
criar a mãe de volta

LOW CARB

Silva